



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 8 de Outubro de 1980

Interpretação psicológica e teológica do conceito de concupiscência

1. Desejo levar hoje a termo a análise das palavras pronunciadas por Cristo, no Sermão da Montanha, sobre o «adultério» e a «concupiscência», e em particular do último elemento do enunciado, em que se define especificamente a «concupiscência do olhar» como «adultério cometido no coração».

Já precedentemente verificámos qu e estas palavras são ordinariamente entendidas como desejo da mulher do próximo (isto é, segundo o espírito do nono mandamento do Decálogo). Parece contudo que esta interpretação — mais restritiva — pode e deve alargar-se à luz do contexto global. Parece que a apreciação moral da concupiscência (do «olhar para desejar»), a que Cristo chama «adultério cometido no coração», depende sobretudo da mesma dignidade pessoal do homem e da mulher; isto vale tanto para aqueles que não se encontram unidos em matrimónio, como — e talvez mais — para aqueles que são marido e mulher.

2. A análise, que até agora fizemos do enunciado de *Mt. 5, 27-28* «Ouvistes que foi dito: Não cometerás adultério. Eu porém digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração», indica a necessidade de ampliar e sobretudo aprofundar a interpretação anteriormente apresentada, a respeito do sentido ético que tal enunciado encerra. Detemo-nos na situação descrita pelo Mestre, situação em que quem «comete adultério no coração», mediante um acto interior de concupiscência (expresso pelo olhar), é o homem. Significativo é Cristo, falando do objecto de tal acto, não sublinhar que é «a mulher do próximo», ou a mulher que não é a própria esposa, mas diz genericamente: a mulher. O adultério cometido «no coração» não está circunscrito nos limites da relação interpessoal, os

quais consentem verificar o adultério cometido «no corpo». Não são tais limites que decidem exclusiva e essencialmente do adultério cometido «no coração», mas a natureza mesma da concupiscência, expressa neste caso pelo olhar, isto é, pelo facto de aquele homem — de quem, a título de exemplo, fala Cristo — «olhar para desejar». O adultério «no coração» é cometido não só porque o homem «olha» de tal modo a mulher que não é sua esposa, mas mesmo porque *olha assim para uma mulher*. Também se olhasse deste modo para *a mulher que é sua esposa* cometeria o mesmo adultério «no coração».

3. Este interpretar parece considerar, de modo mais amplo, o que no conjunto das presentes análises foi dito sobre a concupiscência, e em primeiro lugar sobre a concupiscência da carne, como elemento permanente da pecaminosidade do homem (*status naturae lapsae*). A concupiscência que, como acto interior, nasce desta base (como procurámos indicar na precedente análise) muda a intencionalidade mesma do existir da mulher «para» o homem, reduzindo a riqueza da perene chamada à comunhão das pessoas, a riqueza do profundo atractivo da masculinidade e da feminilidade, unicamente à satisfação da «necessidade» sexual do corpo (a que parece ligar-se mais de perto o conceito de «instinto»). Tal redução faz que a pessoa (neste caso, a mulher) se torne para a outra pessoa (para o homem) sobretudo o objecto da satisfação potencial da própria «necessidade» sexual. *Deforma-se deste modo aquele recíproco «para», que perde o seu carácter de comunhão das pessoas em favor da função utilitarista*. O homem que «olha» de tal modo, como escreve Mt. 5, 27-28, «serve-se» da mulher, da sua feminilidade, para satisfazer o próprio «instinto». Embora não o faça com acto exterior, já no seu íntimo tomou essa atitude, interiormente decidindo assim a respeito de uma determinada mulher. Nisto consiste precisamente o adultério «cometido no coração». Tal adultério «no coração» pode cometê-lo o homem mesmo a respeito da própria mulher, se a trata apenas como objecto de satisfação do instinto.

4. Não é possível chegarmos à segunda interpretação das palavras de Mt. 5, 27-28, se nos limitamos à interpretação puramente psicológica da concupiscência, sem ter em conta aquilo que forma o seu específico carácter teológico, isto é, a relação orgânica entre a concupiscência (como acto) e a concupiscência da carne, como, por assim dizer, disposição permanente que deriva da pecaminosidade do homem. Parece que a interpretação puramente psicológica (ou «sexuológica») da «concupiscência» não constitui base suficiente para compreender o referido texto do Sermão da Montanha. Se, pelo contrário, nos atemos à interpretação teológica, — *sem deixar de ter em conta o que na primeira interpretação (a psicológica) permanece imutável* — ela, isto é, a segunda interpretação (a teológica) aparece-nos como mais completa. Graças a ela, de facto, torna-se mais claro ainda o significado ético do enunciado-chave do Sermão da Montanha, a que devemos a adequada dimensão do *ethos* do Evangelho.

5. Ao delinear esta dimensão, Cristo permanece fiel à Lei: «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas: Não vim revogar, mas completar» (Mt. 5, 17). Por conseguinte, mostra quanto é necessário descer em profundidade, quanto é necessário desvelar a fundo as trevas do coração

humano, para este coração poder tornar-se lugar de «cumprimento» para a Lei. O enunciado de Mt. 5, 27-28, que torna manifesta a perspectiva interior do adultério cometido «no coração» — e nesta perspectiva aponta os caminhos justos para se cumprir o mandamento «não cometerás adultério» — é disso argumento singular. Este enunciado (Mt. 5, 27-28) refere-se, de facto, à esfera em que se trata de modo particular da «pureza do coração» (cf. Mt. 5, 8) (expressão que na Bíblia — como é sabido — tem sentido lato). Também noutra passagem teremos ocasião de considerar de que modo o mandamento «não cometerás adultério» — que, quanto ao modo em que vem expresso e ao conteúdo, é proibição unívoca e severa (como o mandamento «não cobiçarás a mulher do teu próximo», Ex. 20, 17) — se cumpre exactamente mediante a «pureza do coração». Da severidade e força da proibição dão testemunho indirectamente as sucessivas palavras do texto do sermão da Montanha, em que fala Cristo figurativamente de «arrancar o olho» e de «cortar a mão», quando estes membros fossem causa de pecado (cf. Mt. 5, 29-30). Verificámos precedentemente que a legislação do Antigo Testamento, abundando embora em castigos caracterizados pela severidade, não contribuía contudo «para dar cumprimento à Lei», porque a sua casuística estava assinalada por múltiplos compromissos com a concupiscência da carne. Cristo, pelo contrário, ensina que *o mandamento se cumpre através da «pureza do coração», que não é participada ao homem senão à custa de firmeza relativamente a tudo o que tem origem na concupiscência da carne. Adquire a «pureza de coração» quem sabe exigir coerentemente do seu «coração»: do seu «coração» e do seu «corpo».*

6. O mandamento «não cometerás adultério» encontra a sua justa motivação na indissolubilidade do matrimónio, em que o homem e a mulher, em virtude do original desígnio do Criador, se unem de modo que «os dois sejam uma só carne» (cf. Gén. 2, 24). O adultério, por sua essência, contrasta com tal unidade, no sentido em que esta unidade corresponde à dignidade das pessoas. Cristo não só confirma este essencial significado ético do mandamento, mas tende a considerá-lo na profundidade mesma da pessoa humana. A nova dimensão do *ethos* está ligada sempre com a revelação daquele profundo, que é chamado «coração», e com ficar ele liberto da «concupiscência», *de modo que naquele coração possa resplandecer mais plenamente o homem: varão e mulher, em toda a verdade interior do recíproco «para».* Liberto do constrangimento e da diminuição de espírito que a concupiscência da carne traz consigo, o ser humano — varão e mulher — encontra-se reciprocamente na liberdade do dom que é condição de toda a convivência na verdade, e, em particular, na liberdade do recíproco dar-se, pois ambos, como marido e mulher, devem formar a unidade sacramental querida, como diz Génesis, 2, 24, pelo Criador mesmo.

7. Como é evidente, a exigência, que no Sermão da Montanha Cristo impõe a todos os seus ouvintes actuais e potenciais, pertence ao espaço interior em que o *homem* — precisamente aquele que O ouve — *deve discernir de novo a plenitude perdida da sua humanidade e querer readquiri-la.* Esta plenitude na relação recíproca das pessoas — do homem e da mulher — o Mestre reivindica-a em Mt. 5, 27-28, tendo diante dos olhos sobretudo a indissolubilidade do matrimónio, mas também toda a outra forma de convivência dos homens e das mulheres, daquela

convivência que forma a pura e simples trama da existência. A vida humana, por sua natureza, é «coeducativa», e a sua dignidade e o seu equilíbrio dependem, em todo o momento da história e em todo o ponto de longitude e de latitude geográfica, de «quem» será ela para ele e ele para ela.

As palavras pronunciadas por Cristo no Sermão da Montanha têm indubitavelmente este alcance universal e ao mesmo tempo profundo. Só assim podem entender-se na boca d'Aquele, que até ao âmago «conhecia o interior de cada um» (*Jo. 2, 25*), e, ao mesmo tempo, levava em si o mistério da «redenção do corpo» como se exprimirá São Paulo. Devemos *temer* a severidade destas palavras ou antes ter *confiança* no seu conteúdo salvífico, no seu poder?

Seja como for, a análise feita das palavras pronunciadas por Cristo no Sermão da Montanha abre caminho para novas reflexões indispensáveis para se ter pleno conhecimento do homem «histórico», e sobretudo do homem contemporâneo: da sua consciência e do seu «coração».

Saudações

Aos membros da "Association Saint-Benoît, Patron de l'Europe"

A "Association Saint-Benoît, Patron de l'Europe", que acaba de ter o seu Congresso anual em Núrsia, dirijo de todo o coração algumas palavras de encorajamento. Recebestes a graça de uma sensibilidade particular pela obra realizada há quinze séculos por São Bento e pelos seus filhos. Oxalá este dom do Senhor vos leve a servir cada vez mais a Igreja e a sociedade actual com o ardor e o realismo dos melhores discípulos do Patriarca dos monges do Ocidente! Aumentai em vós e despertai à vossa volta o amor da contemplação, a paixão dos valores espirituais! Reuni humilde e corajosamente os meios a evangelizar! Eles são tão diversos e tão numerosos! Em tudo isto tende a preocupação constante de agir individual e colectivamente, em união estreita com os Pastores que Deus vos deu, e que são os primeiros responsáveis da evangelização. A convergência das forças apostólicas é um imperativo de sempre e especialmente dos nossos dias. São Bento vos cumule de graças eleitas! Eu próprio de bom grado vos abençoo.

A um grupo de jornalistas suíços

Saúdo muito particularmente os jornalistas suíços que vieram tomar contacto nestes dias com o Vaticano e a organização da Santa Sé, de modo especial com o Secretariado para a União dos Cristãos. Sede bem-vindos.

Agradeço-vos, queridos amigos, o interesse que tendes pela organização central da Igreja católica. Espero que esta visita vos faça compreender concretamente que a Cúria romana tem um único objectivo: o serviço das Igrejas locais, da sua unidade e da sua comunhão na fé e a fidelidade à missão da Igreja; numa palavra e vós encontrareis nela uma preocupação que vos é

certamente querida —, o serviço da verdade, na fidelidade ao Senhor.

À peregrinação da "Aliance agricole chrétienne", da Bélgica

Dirijo também uma cordial saudação a todos os membros da peregrinação organizada pela Aliança agrícola cristã da Bélgica e aos seus numerosos colegas dos Países Baixos que se juntaram a eles. A todos vós, queridos amigos, desejo manifestar a minha alegria por este hodierno encontro convosco. De todo o coração vos prometo a minha oração, e dou-vos a Bênção Apostólica, a vós, aos membros das vossas famílias e a todos aqueles que representais.

A um grupo de doentes e deficientes assistidos pela "Across Trust"

Com particular afecto saúdo o grupo de doentes e de deficientes assistidos pela "Across Trust". Tende a certeza, queridos amigos, de que a vossa presença nesta audiência tem um significado especial para mim, da mesma maneira que toda a vossa vida tem um significado especial para a Igreja inteira. Faço votos por que aqui em Roma possais descobrir cada vez mais profundamente o amor de Cristo, e revelá-lo com eficácia cada vez maior a todos aqueles que estão em contacto convosco. E o Senhor abençoe todos aqueles que vos assistem, em seu nome.

Aos Estudantes do Colégio Inglês de Roma

Dou as minhas cordiais boas-vindas aos novos estudantes do Venerável Colégio Inglês. Seguindo uma longa e esplêndida tradição, viestes a Roma para vos preparardes para o sacerdócio de Jesus Cristo. Tereis aqui especiais oportunidades para estudar sagrada teologia, compreender a história da Igreja e tomar contacto vital com a sua catolicidade. Mas o vosso maior desafio será conhecer Cristo, crescer na sabedoria da Cruz, e permanecer unidos a ele como ramos unidos à videira. Cristo chama-vos para uma amizade profunda para com ele. E a generosidade da vossa resposta — se disserdes sim influenciará com eficácia todos os ministérios que vierdes a exercer na vossa vida. Recordai-vos que Jesus está a dizer realmente a cada um de vós: "Permanecei no meu amor" (Jo 15, 9).

A diversos grupos de língua alemã

Saúdo cordialmente na audiência de hoje o grupo de sacerdotes da diocese de Aachen com o seu pastor, o Bispo D. Hemmerle. A vossa peregrinação aos antigos e sagrados lugares cristãos na Cidade Eterna, faz-vos voltar, queridos irmãos, às origens do mandato apostólico "Ide e ensinai todas as nações, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado" (Mt 28, 19). Os Apóstolos, cujos Túmulos jazem sob os nossos pés, transmitiram-nos estas palavras de Jesus. Como sacerdotes sois hoje chamados a continuar a levar a cabo nas vossas vidas, este mandato de Cristo. Permitti que a graça, que habita em vós pela imposição das mãos, cresça renovadamente e dê frutos na construção espiritual das vossas comunidades e do reino de Deus

no mundo. Peço-vos isto com a minha especial Bênção Apostólica.

Saúdo de coração os membros e amigos dos diáconos do Pontifício Colégio Húngaro-Germânico aqui presentes, que em breve vão receber a Ordenação sacerdotal. Felicito as suas famílias por esta enorme graça que lhes foi outorgada, e de todo o coração as abençoo assim como aos seus filhos.

Finalmente, dirijo uma cordial saudação à grande peregrinação diocesana da Diocese de Münster. Aproveitando a vossa visita a Roma durante o Sínodo dos Bispos, recomendo ao vosso cuidado e às vossas orações de modo muito especial, o seu principal Mina de consulta, isto é, a família. A família é o primeiro lugar onde deveis viver a vossa vocação cristã e conservar-vos como autênticos cristãos. Procurai criar uma verdadeira imagem cristã das vossas famílias e conservá-la através das vossas responsabilidades civis e sociais. Para isso concedo a todos os peregrinos aqui presentes a Bênção Apostólica no amor de Cristo.

A um grupo de peregrinos de Pádua (Itália)

E agora vai uma saudação especial para o grupo dos dirigentes e dos sócios do "Club Ignoranti", vindos da Diocese de Pádua, por ocasião do 90º aniversário de fundação.

Caríssimos paduanos, agradeço-vos esta visita e exprimo-vos o meu apreço pelas nobres actividades humanitárias e assistenciais que, no espírito do vosso moto "Charitas in laetitia", realizais sobretudo em favor dos anciãos e dos jovens marginalizados pela sociedade. Sirva-vos de encorajamento a minha particular Bênção, que de bom grado faço extensiva a todos os que vos são queridos.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana